



NEUROLINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA

NEUROLINGUISTICS AND LINGUISTICS

Maria Irma Hadler Coudry¹
Rosana do Carmo Novaes Pinto²

In memoriam às boas lembranças com Marisa Cassim³

Resumo: Este artigo visa a contribuir para o volume especial da *Cadernos de Estudos Linguísticos* que homenageia os seus 45 anos. O texto resulta do trabalho colaborativo de duas docentes do Departamento de Linguística do IEL, na área de Neurolinguística, e se organiza em duas partes. Na primeira, busca-se apresentar o início do processo de desenvolvimento da nova área no IEL, a partir do trabalho fundante de Coudry que culminou na publicação de *Diário de Narciso: discurso e afasia*, estabelecendo e consolidando a Neurolinguística Discursiva como campo teórico e como uma possível área de atuação para o linguista. Na segunda parte, o texto relata alguns dos principais desdobramentos teórico-metodológicos da ND para os campos da Linguística, da Fonoaudiologia e da Educação, revisitando trabalhos que se dedicam ao estudo tanto de teorias que a ND agrega quanto de práticas com a linguagem propostas para lidar com as várias patologias que, de algum modo, impactam o funcionamento da linguagem, como as Afasias, as Demências, o Autismo, dentre outras. Em nossos estudos, buscamos compreender esse funcionamento nas patologias, incorporando nas análises o *sujeito* em sua atividade discursiva. Também discutimos equívocos de avaliação de linguagem e terapêuticos apartados da reflexão teórico-metodológica possibilitada pela Linguística.

Palavras-chave: neurolinguística; linguagem nas afasias; escrita na infância.

Abstract: This article aims to contribute to the special volume of *Cadernos de Estudos Linguísticos*, for the celebration of its 45 years. The text results from the collaborative work of two professors of the Department of Linguistics, Institute of Language Studies, in the field of Neurolinguistics and is organized in two parts. In the first, the text seeks to present the beginning of the process of developing of our research field, based on the founding work of Coudry, which culminated with publication of *Diário de Narciso: discourse and afasia*, establishing and consolidating Discursive Neurolinguistics (DN) as a new theoretical field and also as a possible area for activity for linguists. In the second part, the article reports some of the main theoretical-methodological developments of Discursive Neurolinguistics for the areas of Linguistics, Speech Therapy and Education, revisiting works dedicated either to the theories that DN aggregates and to the practices with language, proposed to approach the various pathologies that, in different ways, impact the functioning of language, such as Aphasia, Dementia, Autism, among others. In our studies, we seek to understand such functioning, including the *subject* in his discursive activity. We also address the theme of linguistic assessment and therapeutic follow-up, when separated from the theoretical-methodological reflection made possible by Linguistics.

Keywords: neurolinguistics; language in aphasia; writing in childhood.

¹ Professora Titular da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil.
mihadler@unicamp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2724-1608>

² Professora Associada III da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, SP, Brasil.
ronovaes@terra.com.br

³ Relembrando a parceria de ideias entre Cida Coudry, Marisa Cassim e Maza Coudry (primeira autora deste texto).

PARTE I: EXPERIÊNCIA INCOMPLETA

1. INTRODUÇÃO

A experiência intensa e incompleta que o sujeito experimenta ao entrar na linguagem e na cultura, logo ao nascer, inspira a reflexão sobre como seria retornar a elas depois da afasia/de afásico. A situação discursiva onde ancora o sentido é a guia para a criança ir entrando na fala do(s) outro(s) e de si própria, o que também acontece com o afásico. A busca pelo sentido é uma condição humana logo no início da vida e se estende por toda ela. E prossegue na afasia.

Foi essa possibilidade segmentada, aos pedaços, entrecortada, ao mesmo tempo um arranjo perfeito para o exercício de viver na arena da fala entre falantes, que levei⁴ para o estudo da afasia e seu acompanhamento longitudinal (COUDRY, 1986, 1988), abrindo caminhos para o linguista estudar e atuar nas patologias em que a linguagem está envolvida atendendo a convocação de Roman Jakobson (1981), já desde 1986. Um efeito disso foi celebrar, em agosto de 2022, 40 anos de oferecimento da disciplina *Neurolinguística*, no curso de Bacharelado em Linguística na Unicamp.

2. A LINGUAGEM NAS AFASIAS

Tudo o que acontece na linguagem na afasia é presumível em seu estado normal. Até mesmo o *jargão indiferenciado*, que ocorre na afasia posterior, tem a língua materna representada e materializada em suas formas. Mesmo na estereotipia de uma só sílaba, se reconhece a língua na repetição irreprimida. A jargonafasia, que provoca uma *certa saída* do afásico da língua, o mantém no discurso com uma fala que apresenta afixos familiares da língua em suspenso e produz uma espécie de ‘língua afásica’. As palavras são substituídas por um jargão cujas unidades parecem pertencer a uma língua, mais especificamente à língua de seu domínio como falante.

Mesmo os impedimentos motores que afetam os gestos articulatórios, sua precisão e inteligibilidade, são movimentos reduzidos ou exacerbados da língua que ela própria contém e possibilita. A experiência incompleta de imersão no discurso vem para restaurar a linguagem na afasia, possibilitando ao sujeito entrar de novo na língua e no discurso, sem deixar de ser afásico. Essa abordagem se apresenta como uma contribuição da Neurolinguística Discursiva (ND) desde seu primeiro estudo.

A experiência incompleta, onde o outro está, mobiliza o sujeito falante para entrar na língua e na cultura, assim como mobiliza o afásico para retomar esse caminho (COUDRY; BORDIN, 2012).

Mobiliza pela convivência, afeto e cuidado a *força criadora* da linguagem, expressão cunhada por Franchi (1977), compatível com a *força vital* definida por Canguilhem (1995), e possibilita a invenção de formas novas de responder ao presente. A linguagem como produto e processo histórico, ancorada na experiência humana, como *atividade constitutiva do sujeito* (e vice-versa) e como *trabalho linguístico*⁵ que o falante

⁴ Entendemos ser necessária e esclarecedora a escrita em primeira pessoa em algumas passagens do texto, quando a primeira autora relata seu trabalho para estabelecer e consolidar a Neurolinguística Discursiva como campo teórico de atuação para o linguista, assim como quando apresenta dados de afasia e de escrita na infância em que a Profa. Maria Irma Coudry era a interlocutora.

⁵ Em trabalhos publicados na *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Coudry e Morato (1988, 1990) estendem o conceito de “processo linguístico” para “processo linguístico-cognitivo” na abordagem neurolinguística de patologias em que a linguagem está envolvida.

produz fundam a ND conduzindo a avaliação e o seguimento longitudinal pelos caminhos da *experiência imperfeita*, inspirados por Lemos na condução do processo de Aquisição da Linguagem; de como a criança entra na linguagem, *capturada* pelo outro, pela língua, pelo discurso e pela cultura (LEMONS, 2002). É esse percurso que o afásico pode reconhecer em caminhos que já trilhou.

O que Galindo (2023) – em sua recente obra *Latim em pó* – chama de *milagre* é o que chamamos de *experiência incompleta*. Diz o autor: “[...] a partir de dados desorganizados, fragmentados e muitas vezes contraditórios, Luzia vai aprender a falar”⁶. É isso o que também nos atrai na afasia. A convivência com o incompleto na fala, que demanda *acabamento* (BAKHTIN, 1992; NOVAES-PINTO, 1999, 2017), na arena da fala compartilhada, é uma questão familiar para os falantes, sejam afásicos ou não. Quem já não se sentiu incompleto, seja no que diz, seja no que imagina que o outro entendeu do que foi dito, sem ser afásico? A quem não faltam palavras, sobretudo nomes de pessoas, de coisas, de lugares, de filmes, livros, autores e atores?

Enunciados produzidos por afásicos na relação com não afásicos, na experiência incompleta – de onde deriva o conhecimento da afasia e a possibilidade de sua reparação sempre inconclusa – dão visibilidade a essa experiência de *falante e faltante* que o sujeito experimenta na afasia, e que busco salientar nos dados que se seguem⁷.

2.1 Dados de interloquções com afásicos

(i) *Sujeito HR*⁸, em abril de 2023

No CCA (Centro de Convivência de Afásicos), fazemos vários jogos com palavras, com sentidos diretos e indiretos. No jogo em questão, há vários objetos/coisas dispostos em uma bandeja e cada afásico deve escolher um deles com o olhar, disfarçando, e, em seguida, dizer uma ação indireta que se faz com ele para que os outros participantes adivinhem de que objeto se trata. HR disse, para se referir a um clipe da canção “Cabelo”, o seguinte enunciado: *cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada*, de Arnaldo Antunes e Jorge Ben Jor⁹. Imerso nas regras do jogo, HR, pela cadeia associativa (SAUSSURE, 1969) que seleciona, revive a intertextualidade, o interdiscurso, a polifonia, a dialogia, um discurso cravado em outro discurso que emerge da experiência incompleta que ali vivemos e que, por sua vez, tem um *acabamento* na situação discursiva em relação ao propósito do jogo.

Por onde a afasia transita na linguagem e como o afásico a enfrenta exercendo a sua força criadora e vital? Transita pelas dimensões da língua e muito pela falta do nome que, na experiência imperfeita, tem a chance de mobilizar uma *cadeia associativa* que o traz de volta para a cena enunciativa. Para dizer a palavra *mensagem*, HG disse *gravar*¹⁰, *gravador*, parafasias que margeiam o que é para ser dito e que emergem de uma fala possível, garantida pelo sentido, derivando o nome do verbo, ou seja, de *gravar* para *gravador*, para só então chegar ao nome pretendido *mensagem*. Ou seja, não é qualquer coisa que é dita; há uma lógica na linguagem patológica e nas formas das palavras e suas relações na afasia (COUDRY, 1997).

⁶ Luzia é a filha do autor do livro *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*.

⁷ No texto, apresento relatos de dados de alguns afásicos e crianças que acompanhei ao longo dos anos e de alguns que ainda acompanho.

⁸ HR: lesão Têmporo-Parieto-Occipital (TPO), à esquerda, que afetou a fluência de sua fala, tornando-o mais hesitante, com intensa busca pela palavra (sobretudo de nomes).

⁹ A autoria da música é de Arnaldo Antunes, Jorge Ben Jor, Rosa Celeste e Arlequim. Produção da Warner Music Brasil Ltda.

¹⁰ Por um processo ativo na língua, um deverbal.

(ii) *Sujeito ED¹¹, em abril de 2023*

Mesmo os rompantes de emoção e verborragia que afetam o afásico com lesão frontal podem ser reconfigurados, descobrindo-se neles um talento (VYGOTSKY, 2021) que se desvela no discurso e se transforma, por exemplo, em *jingles* e *raps* que, contextualizados, são geniais; um *defeito*/dificuldade pode, assim, se revelar como uma possibilidade de explorar algo para além dele. Esse tipo de afasia provoca um relaxamento na censura. Ajustar esse talento à situação discursiva que regula a convivência fez com que ED controlasse o impulso de brincar com pessoas desconhecidas com intimidade, de dizer o que não se deve. Sem apagar a motivação de rimar palavras, discutimos no grupo como isso pode ser mal interpretado e gerar mal entendidos, condição para o exercício do controle pela experiência incompleta. Comentando sobre dizer coisas que não se deve, ED conclui: *Vai para a lixeira se falo besteira.*

(iii) *Sujeito N¹², em junho de 1984*

Querendo compreender as dificuldades de N, a investigadora lhe pergunta sobre sua afasia:

Inv: - A maioria das coisas o senhor consegue falar?

N: - Consegue, consegue, consigo.

A sequência que N encadeia ao responder – *consegue, consegue, consigo* – mostra tanto sua dificuldade, quanto sua forma de lidar com ela trabalhando *com* e *sobre* a língua a partir da fala de seu interlocutor, precisando passar por ela e dela se diferenciar, no trajeto epilinguístico pela linguagem (COUDRY, 1986). A experiência incompleta que o diálogo aporta, na figura do outro e no conjunto de imagens recíprocas que habitam a cena enunciativa, traz à tona, pela fala do outro¹³, a forma a ser alcançada.

(iv) *Sujeito N, em fevereiro de 1984*

Enquanto N mostrava fotos de sua família, aponte para uma moça e perguntei: “É sua sobrinha?” Ele respondeu: “Sim, sua sobrinha”. “Minha sobrinha?”, provoqueei. “Não, minha”. Observamos no dado que N busca seu lugar no discurso e o outro o leva a encontrá-lo pela experiência imperfeita do diálogo que traz a reversibilidade de papéis discursivos acoplada às formas da língua.

(v) *Sujeito P¹⁴, em fevereiro de 1986*

P, agramático, comenta sobre o desfile das escolas de samba naquele carnaval, percorrendo uma cadeia associativa que expõe sua dificuldade morfológica que torna instáveis nomes e flexões verbais, transitando na especificação do nome para o verbo e vice-versa. P diz, na busca pela palavra “sambando”: *sambanha, sambanhas, sambanhas*

¹¹ ED: lesão Fronto-Temporal (FT) esquerda que gerou, principalmente, impulsos para falar, sem censura.

¹² N: lesão Fronto-Parietal (FP) esquerda, com intensa busca pela palavra (sobretudo nomes).

¹³ Este dado foi um achado fundamental para relacionar ‘afasia’ e ‘aquisição da linguagem’ em Coudry (1986), aproximando esses dois estados da vida humana; influência direta do *Projeto de Aquisição da Linguagem*, introduzido no Departamento de Linguística por Cláudia Lemos e suas então orientandas: Ester Scarpa, Maria Fausta Pereira de Castro, Cecília Perroni e Rosa Attié Figueira.

¹⁴ P: lesão Têmporo-Parieto-Occipital (TPO) esquerda, que acarretou um agramatismo ‘clássico’, com fala predominantemente telegráfica e dificuldades com a morfologia funcional e derivacional.

e só então acede a *sambando*, pelo *prompting* alongado *samband* fornecido pela interlocutora.

(vi) *Sujeito WW*¹⁵, em setembro de 2008

Toda sexta feira, acabada a sessão do CCA, WW almoçava, na cantina do IFCH, o mesmo prato feito: *bife a cavalo*. Pedi que contasse isso ao grupo e ele não conseguia dizer o nome do prato – que contém uma bela metáfora, difícil de reproduzir com uma afasia que afeta o eixo da similaridade (JAKOBSON, 1970). Instado a dizer de outra maneira, ele imediatamente disse: *Bife com ovo*, remontando uma mão sobre a outra, num gesto que representa *o ovo em cima do cavalo*, realizado por todos do grupo. A metonímia, caminho indireto para ‘driblar’ a metáfora, emerge dessa possibilidade de traduzir a língua na própria língua, como considera Jakobson (1975)¹⁶, o que acontece na experiência incompleta (COUDRY, 2008). Em outras palavras, WW trabalhando a língua e o discurso, desdobra a metáfora em uma metonímia, como recurso de significação.

(vii) *Sujeito AF*¹⁷, em outubro de 1987

Tentando explicar o provérbio “Feliz foi Adão que não teve sogra e nem caminhão” AF se apegou ao sentido que sua sogra tem em sua vida – que o protege e que é boa para ele; não admitindo que a sogra possa fazer mal ao casamento. É quando toma a linguagem como literal, unívoca que se revela sua afasia. AF não manipula sentidos estabelecidos, indiretos, inferências e pressuposições para interpretar piadas, provérbios e textos dirigidos ao outro. Ao contrário, ele interpreta o provérbio com base apenas em sua experiência pessoal e não a partir do discurso, o que pouco contribui para desvelar o sentido veiculado nesse gênero de texto. Sogra, para ele, tem um sentido fixo, à parte do que significa culturalmente o provérbio. Camadas de sentido historicamente construídas são apagadas; ficam aquelas que na infância são encaminhadas pela emoção, pelo afeto, as mais antigas, as fortalecidas pelo uso, das quais não se consegue desvencilhar e que emergem com a afasia. Freud (1973), em seu estudo sobre as afasias, considera que lembranças antigas resistem mais a esquecimentos e a efeitos de lesões. Mas AF foi aprendendo a se distanciar de si e do discurso e a lidar com a heterogeneidade e não univocidade das estruturas da língua. Fez também parte de nossa experiência incompleta a recontagem de piadas a AF por Sírío Possenti (POSSENTI; COUDRY, 1991; COUDRY; POSSENTI, 1993) que ajudam a compreender suas dificuldades linguísticas que não dizem respeito ao conhecimento enciclopédico, ao significado das palavras e das coisas, mas ao acesso, pela via da linguagem, a este equipamento socialmente construído em que operam matrizes semânticas que orientam as relações de sentido no discurso. Ao contar ao investigador que estava tentando voltar a trabalhar, este perguntou a AF: “O que você está fazendo agora?”, ao que AF respondeu: “Agora? Agora, eu estou falando com o senhor”, indicando o trabalho do *eu* no discurso do *outro*, e diferenciando os dois empregos correntes de “agora”. Rindo, AF restabeleceu uma espécie de “prazer do cômico” (POSSENTI, 2009).

¹⁵ WW: lesão na região da Artéria Cerebral Média (ACM) do hemisfério esquerdo, apresentando dificuldades de seleção de palavras e sua concomitante combinação para a produção de enunciados.

¹⁶ A ND insere a reflexão desse autor em seu corpo teórico e toma a possibilidade de o afásico traduzir na própria língua o que a afasia perturba, buscando outras formas de dizer, que sempre há, alçando vias vicinais por processos alternativos de significação.

¹⁷ AF: lesão Fronto-Parietal (FP) esquerda, que acarreta, dentre outras, dificuldades de interpretação de sentidos figurados, sobretudo as metáforas, provérbios e piadas.

(viii) *Sujeito SB*¹⁸, em junho de 1997

Pergunto a SB como ela enfrenta as alterações provocadas pela afasia: “Quando você *fala certo* você percebe?”. Ela responde: “Ouvi eu *ouvo*, eu se escuto”. E completa com uma entonação infantilizada: “Até parece que a gente *estece*, né?” Depois de afásica, acontecem lembranças do que fora esquecido (COUDRY; BORDIN, 2012) pela imposição da variedade padrão. Tenho notado que a “fala falada na infância”, que emerge da experiência incompleta, resiste mais à afasia do que aquela aprendida por força da língua padrão. Nesse sentido, pode-se dizer que “a afasia liberta”.

(ix) *Sujeito AB*, em 2010¹⁹

Logo após o episódio neurológico, AB se estranhou²⁰ muito, a ponto de se referir a si própria pela não-pessoa/3^a pessoa (BENVENISTE, 1995), tendo a subjetividade sido afetada pela afasia. Seu corpo e sua fala mostram isso. Diante de sua foto com o marido, disse: “*Ela e seu marido*”. Perguntei: “Ele quem, *meu* marido?” e ela respondeu: “*Ela e seu marido dela*” (rimos). Reelaborou seu enunciado em seguida: “*Eu e meu marido dela*” (Rimos novamente). E, finalmente, produziu: *Eu e meu marido. Ufa!*”. AB mostrava uma outra dificuldade ao não reconhecer as partes de seu corpo, nomeá-las, apontá-las. Ela restaurou sua relação com o corpo não pelo nome de suas partes, mas pelos adereços que o cobriam, como orientei. “Onde estão seus brincos, AB?” E ela mostrava e depois dizia seu nome; e suas pulseiras? Ela as mostrava e dizia o lugar em que ficavam – braços. Assim, AB foi ‘restaurando’ o nome das partes de seu corpo pelos adereços que a enfeitavam, o que se revelou um caminho possível para chegar à palavra, já que ela era muito vaidosa e gostava de assim se apresentar. Entrando de novo na experiência incompleta, AB ajusta a expressão da subjetividade e retoma a percepção de seu corpo.

A maioria das afasias afeta a relação que estabelecemos na língua com os nomes, próprios e comuns. Dificuldade de acesso a nomes, esquecimento, no sentido de Freud (1969), por afásicos, nos leva a refletir com o autor que o sujeito trilha um caminho associativo que revela algo na/da experiência incompleta, como no dado que segue.

(x) *Sujeito CF*²¹, em setembro de 2008

¹⁸ SB: lesão Têmporo-Parieto-Occipital (TPO) esquerda que afetou a subjetividade e acarretou estranhamento de seu estado afásico com repercussão na linguagem.

¹⁹ AB: lesão Têmporo-Parieto-Occipital (TPO) esquerda que mostrou sinais de hemiplegia, anosognosia, expressão da subjetividade, apraxia para gestos simbólicos, percepção e representação do corpo e anomia.

²⁰ No afásico, pode ocorrer um *estranhamento* de si, do sujeito que passou a ser depois da afasia, o que nos faz retomar sempre a hipótese inicial de Coudry, de que há dois sujeitos depois da afasia (além das múltiplas faces que incorporamos), que convivem linguística e psicologicamente: o que antes dela exercia seus múltiplos papéis com eficácia (S1) e aquele que acontece com a afasia (S2), mais incompleto ainda. Em lesões centro-hemisféricas e posteriores do cérebro, e também em lesões bilaterais, essa convivência passa por um estranhamento que se explicita verbal e não verbalmente, considerando o papel que as áreas posteriores do cérebro desempenham na percepção, imagem/representação do corpo e gestualidade – mediadas pela linguagem.

²¹ CF sofreu uma rotura de aneurisma com 29 anos de idade, o que provocou uma hemorragia extensa no hemisfério esquerdo cerebral. Apresenta também apraxia buco-facial. Produz automatismos e frases cristalizadas, precisando de *prompting* para a sua produção verbal.

Quando trouxe minha labradora Buana²² para a sessão do CCA, CF queria dizer seu nome. Ao invés de “Buana”, só lhe ocorria dizer “Bruna” e “Bruninha”, nome de uma sobrinha que mora com ela. A semelhança fonética leva CF a dizer nomes que se impõem. A vizinhança sonora em si não é explicativa do ato falho e/ou da parafasia, mas se constitui como um contexto favorável à emergência de palavras que nos fogem ao controle. Conforme Freud (1969), o ato falho é favorecido por circunstâncias de valor fonético e por associações psicológicas próximas. Assim, compreendemos melhor porque no lugar de “Buana” vieram outros nomes, mas não *quaisquer* nomes. Nomes que são velhos conhecidos de CF, com os quais tem uma relação de afeto, que povoam seu campo psíquico e têm registros marcados pela repetição e uso. A análise desse dado permite trazer a reflexão posta por Freud (1973) acerca da proximidade entre os mecanismos que regem o ato falho e a parafasia – o que pode ser estendido para o esquecimento temporário de nomes e a anomia (falta do nome por acesso lexical dificultado em certos estados de afasia); ou seja, reencontra-se a familiaridade entre processos psíquicos que ocorrem tanto em estados normais como em estados patológicos do cérebro (COUDRY, 2009). O dado mostra ainda a relação de CF com a afasia e a linguagem, seu empenho em enfrentá-la na experiência incompleta²³ vivida na prática social exercida em grupo no CCA – que tantas possibilidades de dizer/mostrar traz a todos – marcas de sua vida cotidiana na lida com a afasia.

Outra reflexão de Freud (1973) acerca da relação que o sujeito estabeleceu até então com a língua e/ou com o modo como se dá seu funcionamento discursivo, na afasia: o conhecido se apresenta modificado como se fosse novo; se imerso no uso da linguagem, na experiência incompleta, vários caminhos levam esse novo a se repetir em outras situações, e muitas outras vezes. Isso se vê na predileção de CF por “Bruna” e “Bruninha”.

2.2 Sobre a patologização da escrita na infância

Desde os anos 80 do século XX, tem havido um excesso de patologias atribuídas a crianças em idade escolar. A criança que se apoia na fala para escrever, no início do processo, tem sido penalizada com um diagnóstico de uma patologia que não tem. Para a Neurolinguística de tradição discursiva, *patologização* significa tomar como patológicas ocorrências típicas de um processo normal, intercedido pela fala, no caso da escrita. A representação das sílabas complexas, da nasalidade, da sonoridade, do rotacismo, a inserção, substituição, omissão e mudança da ordem das letras na sílaba são alguns dos aspectos diante dos quais as crianças hesitam em escrever, custam mais tempo para representar e sobre os quais formulam hipóteses, nem sempre coincidentes com a forma ortográfica. E nesse processo em curso tais aspectos são considerados sintomas de patologias atribuídas facilmente às crianças na contemporaneidade, como logo se menciona abaixo. Nós linguistas temos observado e analisado essa situação no processo de aquisição e uso da escrita e cresce nossa responsabilidade de intervir para mudar.

A ND tem produzido um conjunto de textos que se contrapõe radicalmente a equívocos de avaliação e diagnóstico por falta de conhecimento técnico proveniente da Linguística, em várias de suas subáreas. Somado a esses equívocos ocorrem também

²² Homenageando Rita Lee, retomo esse dado.

²³ As possibilidades de reparação da afasia e de entrada do falante na língua e no discurso, na infância, acontecem na experiência incompleta, onde mora a função criadora/criativa da linguagem, condição para renovar o velho da língua (automatizado, irrefletido) e instaurar o novo (reflexivo, pensado). A afasia transforma o conhecido, o velho da língua, em novo; na criança, ao longo da ontogênese, o novo vai se transformando em velho, o que vai criando sua intimidade com a linguagem, por sua vez afetada na afasia (COUDRY, 2010).

outros que tangem as condutas terapêuticas apartadas do funcionamento discursivo da linguagem (COUDRY, 2006; 2010; 2014; 2020; BORDIN, 2010; ANTONIO, 2011; MÜLLER, 2013; MOUTINHO, 2014; BERGAMASCHI, 2020). Do ponto de vista do falante, a companhia da fala no novo aprendizado significa trazer a experiência incompleta que aconteceu em sua entrada na fala pela língua compartilhada.

Nesse contexto, e contra a patologização da infância, apresento dois dados que mostram o efeito da experiência incompleta na entrada *normal* das crianças no mundo da leitura e da escrita no Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho)²⁴ formado em 2004 sob os mesmos princípios que guiam o CCA. O CCazinho se configura como um espaço de avaliação e seguimento individual e coletivo dedicado a crianças que apresentam dificuldades de escrita, muitas das quais estão associadas a um diagnóstico a que nos contrapomos.

Equivocadamente, tais dificuldades têm sido tomadas – tanto na clínica quanto no ambiente escolar – como sintomas de patologias, notadamente a Dislexia, o Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDAH), a Dificuldade/Transtorno de Aprendizagem e o Déficit do Processamento Auditivo, dentre outros (MÜLLER, 2013; MOUTINHO, 2014). Analisadas à luz da ND, os dois dados que se seguem mostram sujeitos atuando com dificuldade nos processos de leitura e escrita, mas também indicam diagnósticos que não se confirmam mostrando como a criança é *capturada* pela experiência incompleta em sua entrada na leitura e escrita.

(xi) KS, em 2010

O hábito de ler com as crianças o que está escrito em nosso entorno e ajudá-las a descobrir as diversas funções sociais da escrita despertou nelas a curiosidade de ler avisos, placas, etc. Durante o primeiro semestre de 2010, as salas de aula do IEL estiveram em reforma. No corredor de acesso a elas, bem perto de onde se situa o CCazinho, havia uma placa (Figura 1) que KS²⁵ leu. Ela entrou contente na sala onde eu estava, dizendo: “Eu li a *praca*”.

²⁴ O Centro de Convivência de Linguagens - CCazinho - foi criado por Coudry, em 2004, na área de Neurolinguística do Departamento de Linguística da Unicamp, para acolher crianças com dificuldades escolares e que apresentam avaliação/diagnóstico de alguma patologia. A experiência de falar, ler, escrever no CCazinho tem mostrado que as crianças vão muito além do que se espera delas, não confirmando o diagnóstico de patologia/distúrbio/alteração que afetaria sua escrita e leitura. Mostra também que aprendem o que se ensina para elas, em um ritmo próprio, como cada um de nós (COUDRY, 2023).

²⁵ KS: Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem e Problemas na Fala. Apresenta dificuldades, sobretudo, nos processos de leitura e escrita.

Figura 1: Placa indicando a presença de obras no IEL



Fonte: Banco de dados em Neurolinguística (BDN) - CNPq n° 307227/2009-0: CCazinho, abril de 2010

Segue-se a transcrição do diálogo com KS, para que se possa analisar o processo da produção da leitura, que se faz pela fala.

Quadro 1: Transcrição do diálogo com KS

Nº	Sigla do Locutor	Transcrição	Observações sobre o enunciado verbal	Observações sobre o enunciado não verbal
1	KS	Imc, eu li a praca.		Entrando contente na sala onde Imc estava.
2	Imc	E o que está escrito?		
3	KS	PRO-I-BI-DO	Silabando	Parou em pé diante de mim com ar pensativo.
4	Imc	E o que mais?		
5	KS	Esqueci.		Olhando sem graça para mim.
6	Imc	Então volta lá e lê.		Olhou firme para Imc e correu até a placa.
7	KS	Passage...	Faz um som nasal e aperta os lábios para produzir o som da letra <i>eme</i>	Voltou correndo para ler de novo a placa.
8	KS	<i>o eme</i> está sozinho do outro lado.		
9	Imc	Por quê?		
10	KS	Acabou a praca.		
11	Imc	Então...	Tom de continuidade	Sinaliza com a cabeça e a mão.
12	KS	Proibido passagem ... esqueci.	Pausa; tom de alegria	Com as duas mãos na cabeça.
13	Imc	Volta lá e lê o resto.	Tom de alegria	
14	KS	Pre-de, predeste, o que é?	<i>Caprichando</i> na pronúncia	
15	Imc	Quem anda a pé.		
16	Imc	Proibido passagem de pedestres. E o que mais?	Imc retoma devagar o que KS já leu	
17	KS	Obra.		
18	Imc	Tá. Obra o quê?		
19	KS	Exe, exe ... execução.		Voltou até a placa três vezes para acabar de ler a palavra <i>execução</i> .
20	Imc	E o que diz a placa?		
21	KS	Que não pode passar ali.	Tom de contentamento	KS e Imc batendo palmas.

Fonte: BDN - CNPq n° 307227/2009-0: CCazinho, abril de 2010

KS lê as palavras do aviso com a fala que caracteriza sua variação linguística: *praca* onde está escrito *placa*. Ela entende o que lê porque essa palavra está na sua fala,

lugar do sentido para Freud (1973). Para entender o que está escrito, KS tem que superassociar *placa* (escrita) e *praca* (fala), guiada pelo sentido que conhece, por meio de sua variedade de fala (*praca*) – que não é patológica, mas, ao contrário, é a que reconhece por meio da língua dos outros, com quem aprendeu a falar: “A diversidade linguística é tratada não como um problema, mas como uma qualidade do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2006, p. 37). Para KS – e para todos os falantes do português do Brasil que dominam essa variedade social e regional, e mesmo para os que dominam uma variedade mais próxima do padrão – a sequência das consoantes ‘PR’ é uma possibilidade que a língua dispõe, tanto quanto ‘PL’, ou seja, trata-se de grupos consonantais possíveis na língua (como em *presente; plano; problema; pleno; prato* etc), e isso *não é um problema de fala, nem uma fala com problema*.

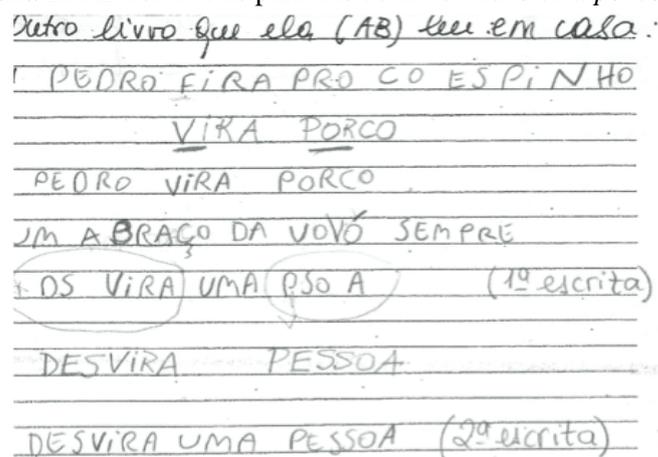
Para Freud, o sujeito que faz uso de um dialeto realiza uma *superassociação*. Em nossos termos, superassociar requer um trabalho linguístico-cognitivo complexo que envolve as funções psíquicas superiores (linguagem, atenção, percepção, memória, práxis/corpo, raciocínio intelectual) (LURIA, 1977, 1996; VYGOTSKY, 2021), em pleno processo, na idade em que KS está; requer uma *espécie de tradução* (JAKOBSON, 1975; COUDRY, 2008), que mostra que a representação sonora e motora de *praca* se aproxima da de *placa*. O que mostra a relação íntima da leitura com a fala é que KS, lendo, introduz marcas de sua variedade de fala, marcas de subjetividade (BENVENISTE, 1995), dando indícios de que a leitura vem inicialmente colada à fala, lugar de sentido para o aprendiz, como propõe Freud (1973). É o que se nota quando KS lê as palavras *pedestre* e *execução*, novas para ela, desta vez um movimento que se inicia na leitura/escrita e entra na fala. Freud destaca que a relação entre o *sonoro* e o *motor* se automatiza quando podemos ler mentalmente sem precisar do apoio da voz ou da escrita, o que KS ainda não faz. Quando lemos um texto difícil com palavras que não conhecemos, como é o caso de KS, nos comportamos como ela, ou seja, precisamos do retorno sonoro, motor e até visual, separadamente, porque não há condição de concomitância entre eles: as palavras lidas, para completarem o sentido, voltam a precisar do apoio da fala e/ou da escrita.

(xii) AB²⁶, em 2016

O dado da Figura 2, que se segue, representa o processo de entrada na escrita, por parte de AB, e como ela se sente à vontade para contar a história de um livro que leu em casa: “Pedro vira porco-espinho”, de Janaína Tokitaka (2020). AB conta que o protagonista da história, Pedro, vira porco-espinho quando algo dá errado para ele, quando se frustra. Conta também como aprendeu a lidar com essa emoção. AB escreveu “Fira pro co”, seguimento que eu retomei para o processo de reescrita e ela então produziu: “Pedro vira porco, um abraço da vovó sempre os vira uma psoa” (primeira escrita), seguida da segunda escrita: “desvira uma pessoa”.

²⁶ AB: Diagnóstico de Dificuldade de Aprendizagem, sobretudo nos processos de leitura e escrita.

Figura 2: AB escreve as palavras do livro *Pedro vira porco-espinho*



Fonte: BDN - CNPq: 311504/2016-7

Finalizamos, assim, a parte I de nosso texto retomando a resolução da história²⁷ de *Pedro porco-espinho*, que focaliza a emoção na infância, e sempre, tendo a possibilidade de *desvirar* tempos difíceis em outros e tomar outra direção, pela força que brota do abraço da vovó, indo ao encontro da esperança para enfrentar as dificuldades pelas quais passam os afásicos, as crianças, e também todos nós.

PARTE II: A ND E SEUS “COMPANHEIROS DE VIAGEM”²⁸: DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Esta segunda parte do nosso texto apresenta os principais desdobramentos da Neurolinguística Discursiva para áreas de interface, dentre as quais destacamos a Neuropsicologia, a Fonoaudiologia e a Educação. Para dar visibilidade ao alcance da ND ao longo de seus quarenta anos, revisitamos também algumas das contribuições feitas ao volume 60, número 1, da revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* que celebrou, em 2018, os trinta anos da publicação do *Diário de Narciso: discurso e afasia*, organizado por Novaes-Pinto e Freire (2018). Os artigos do dossiê²⁹ destacam como os princípios teórico-metodológicos e éticos que orientaram a escrita da primeira parte deste artigo, que guiam pesquisas e a atuação profissional de linguistas, fonoaudiólogos e professores.

Perottino (2018) reivindica o reconhecimento do trabalho de Coudry (2018) como uma obra ‘instauradora de discursos’, de ‘autoria’ – fundamentando-se em conceitos propostos por Foucault (2001, 2009)³⁰ – bem como a relevância de sua ‘transmissão’ para um grande grupo de pesquisadores e profissionais das áreas de Educação e da Fonoaudiologia. Nas palavras da autora, “a atribuição de autoria a Coudry vem do fato de seu trabalho possibilitar a ruptura com a noção generalizada de não haver mais sujeito na afasia”. Perottino (2018, p. 358) recorre à expressão ‘cegueira’ generalizada” para se referir à “[...] ocorrência dos processos alternativos de significação por parte dos sujeitos

²⁷ Conversamos com as crianças sobre como as histórias nos ajudam a lidar com a vida, as emoções, as alegrias, os medos, os sofrimentos etc., sugerindo-lhes assistir a série *Chapeuzinho de todas as cores*, baseadas no livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque e Ziraldo, especialmente destinada a isso.

²⁸ A expressão “companheiros de viagem” foi recorrentemente empregada por Wanderley Geraldí para se referir aos autores aos quais recorremos para ancorar o desenvolvimento de uma teoria. Ampliamos o uso dessa figura de linguagem em nossas pesquisas para nos remetemos também aos nossos companheiros na pesquisa, no ensino e na extensão: colegas da área, alunos, orientandos.

²⁹ O dossiê *Trinta anos após o Diário de Narciso* foi organizado por Novaes-Pinto e Freire.

³⁰ Perottino cita a obra *O que é um autor?*, de Foucault (1969) para recorrer à noção de ‘função-autor’.

afásicos nas situações concretas de interlocução”. Além de centralizar o papel do sujeito nas práticas de linguagem, Perottino (2018) destaca o tipo de acompanhamento realizado nos grupos de convivência e nos atendimentos longitudinais individuais no IEL. Outra questão pontuada pela autora é a forte crítica feita aos testes padronizados que orientam (ainda hoje) as avaliações de linguagem na clínica tradicional. A autora atribui os rumos dados por Coudry à Neurolinguística de orientação discursiva ao seu compromisso com os sujeitos afásicos.

Tal ruptura com as abordagens tradicionais contribuiu para mudanças – inclusive éticas – na postura terapêutica de fonoaudiólogos que cursaram a Pós-Graduação em Linguística no IEL, em um ambiente propício para a ‘circulação dessa nova discursividade’ desde a década de 80. O discurso instaurado na área a partir de então é uma forma de resistência ao discurso hegemônico da Medicina em relação aos fenômenos da linguagem nas patologias.

Bordin e Freire (2018) também apontam para diferenças fundantes entre uma Fonoaudiologia de caráter biomédico e uma Fonoaudiologia que se beneficia de princípios teórico-metodológicos da ND. Trata-se de uma concepção que dá voz aos fonoaudiólogos “[...] que não se identificam com práticas corretoras ainda hegemônicas na área, e de construir um novo espaço coletivo para reinterpretar o seu papel” (BORDIN; FREIRE, 2018, p. 396); uma abordagem quase sempre marcada “[...] por um viés corretivo (objetivando um padrão de normalidade) e reabilitador (visando a eliminação de sintomas), em que fala e linguagem são tomadas, muitas vezes, como sinônimos” (BORDIN; FREIRE, 2018, p. 386), o que acaba por gerar um excesso de diagnósticos. O discurso é ignorado como possibilidade de intervenção clínica enquanto deveria orientar tanto a avaliação quanto os acompanhamentos terapêuticos tendo como foco os processos. Nas palavras das autoras, o trabalho fonoaudiológico em linguagem

[...] revisto sob a luz dos conceitos da ND, pressupõe a interação com sujeitos que apresentam diferentes relações com a linguagem – a fala, a língua e o discurso, decorrentes de suas histórias de vida, o que impacta os quadros clínicos que apresentam (e vice-versa). (BORDIN; FREIRE, 2018, p. 393)

Voltando a Perottino (2018), a autora ressalta que o esforço de teorização em torno dos fenômenos das afasias no início dos estudos em Neurolinguística de orientação discursiva foi se estendendo para outros campos, dentre os quais o da Educação, com foco na questão da subjetivação da criança na escrita. Esse movimento, por sua vez, demandou uma postura crítica dos especialistas – e também da escola – a respeito da patologização do ‘aprendiz da escrita’ e sobre a proliferação de rótulos³¹.

Em resenha do *Diário de Narciso* feita por Possenti (2018), o autor diz que, em sua opinião, a mais contundente intervenção da obra de Coudry teria sido, no final da década de 1980, relativa ao “caráter metalinguístico dos testes”. A comparação entre a avaliação de linguagem nas afasias e as práticas escolares ajuda a compreender o alcance dessa discussão. Possenti refere-se, por exemplo, aos exercícios escolares de “preencher lacunas” entendidos como uma metodologia para ensinar regras gramaticais e para avaliar seu aprendizado, assim como são recorrentes nos manuais para avaliar a linguagem nas afasias e orientar procedimentos terapêuticos, ineficazes em ambos os contextos.

A relação entre as práticas escolares e a patologização de fenômenos de leitura e escrita tem sido discutida por inúmeros trabalhos orientados por Coudry após 2004, quando o CCazinho foi institucionalizado no Laboratório de Neurolinguística (LABONE)

³¹ Ver, a respeito do tema da dislexia, o artigo de Aquino (2018), *Onde está o deficit? Polêmica em torno da dislexia*.

no IEL. Seria impossível listar neste artigo todos esses trabalhos, mas destacamos em seguida alguns deles, para dar visibilidade a essas relações.

Caron (2018, p. 554), ao abordar os desafios da educação e os papéis de seus agentes, afirma que as “escolas são locais onde se dão *ações* educativas”, com o objetivo de possibilitar aos cidadãos, independentemente das suas diferenças e necessidades, “o desenvolvimento das competências e habilidades que lhes auxiliem a explorar plenamente os seus potenciais, integrando-se ativamente à sociedade e contribuindo para a vida econômica, social e cultural do país”. Seguindo os princípios da Neurolinguística de orientação discursiva, a autora destaca o papel da família como agente responsável pela inclusão da criança na sociedade, já que esta é o primeiro campo de socialização para a criança, onde são desenvolvidos o crescimento físico, pessoal e emocional. “Trata-se de um sistema complexo e mutável de organização social, imerso em um contexto espaço-temporal em que coexistem diferentes padrões, estruturas e funções” (CARON, 2018, p. 554). De acordo com essas interações, nela afirma-se a relação com a saúde e as doenças. Para a autora, “a relação família-escola também será variavelmente afetada pela satisfação ou insatisfação de professoras e de mães/pais, e pelo sucesso ou fracasso do/a estudante” (CARON, 2018, p. 555). A experiência de trabalho no CCazinho dá visibilidade a essas relações e indica um caminho promissor para o processo de ensino-aprendizagem, entendendo a prática pedagógica como uma construção partilhada de sentidos. Em suas palavras:

Ao proporcionar às famílias a oportunidade de debate, de procedimentos e de entender as suas necessidades terapêuticas, bem como suas limitações, como nos propomos no CCazinho, coloca-se a família em uma posição em que ela compreende que pode participar de maneira ativa na situação, através da abertura à comunicação e ao questionamento, possibilitando até mesmo sua colaboração nas estratégias terapêuticas. A pessoa só atua em sua realidade. (CARON, 2018, p. 557)

Padilha (2018) reitera a necessidade do reconhecimento público da obra de Coudry, uma vez que a considera uma ‘revolução conceitual-metodológica’ para os estudos da Educação Especial, área em que atua. A autora defende a ‘transferência’ dos princípios teórico-metodológicos da ND para a Pedagogia, lembrando o que afirmou Franchi (1988) no prefácio de *Diário de Narciso*: “[...] há inúmeras passagens em que a transferência para situações em sala de aula é quase uma projeção geométrica” (FRANCHI, 1988, p. xvi; PADILHA, 2018, p. 369). A autora chama a atenção para o fato de que alunos com problemas de aprendizado, de qualquer natureza, vão na “[...] direção dos diagnósticos médicos e das avaliações psicológicas baseadas em testes” (PADILHA, 2018, p. 369). Padilha aliou os pressupostos de Vygotsky e de Bakhtin aos princípios teórico-metodológicos da ND para compreender os processos subjacentes ao funcionamento linguístico-cognitivo nos acompanhamentos longitudinais de crianças que apresentam dificuldades verbais na fala e na escrita. Os princípios que orientam a avaliação de sujeitos afásicos também orientam a revisão de “[...] princípios médicos, psicológicos e pedagógicos que se limitam a classificar as faltas, os déficits” (PADILHA, 2018, p. 373).

Os trabalhos de Perottino (2018) e de Padilha (2018), assim, reconhecem, por um lado, a inovação de cunho autoral de Coudry (1988) na abordagem das afasias ancorada nos estudos linguísticos e, por outro, a ‘transferência’ dessa abordagem para pesquisadores e profissionais de outras áreas, isto é, dos desdobramentos que se seguiram ao longo dos mais de quarenta anos da área de Neurolinguística no IEL; uma abordagem que discute o próprio conceito de língua(gem) e que considera a indeterminação da língua e as marcas de subjetividade no ‘trabalho’ realizado pelos sujeitos afásicos nos processos de significação (NOVAES-PINTO; FREIRE, 2018), na experiência incompleta.

Outros trabalhos do volume já referido nos ajudam a dimensionar a ‘transferência’ dos princípios teórico-metodológicos da ND para os estudos da linguagem nas mais diversas patologias. Citamos, por exemplo, a reflexão de Nascimento e Chacon (2018, p. 468), na qual os autores discutem as associações entre aspectos motores e discursivos na Doença de Parkinson, que se “[...] mostram submetidos a fatos discursivos que apontam mais para funcionamentos integrados do que para funcionamentos específicos nas relações entre cérebro e linguagem”.

Silva (2014, 2018) problematiza o discurso médico determinístico da Síndrome do X-frágil. Por meio de um estudo de caso, busca compreender o que é da ordem do patológico, considerando fatores de ordem social e da história de vida do sujeito, defendendo que ele não pode ser reduzido à sua doença e que, por isso, foram alfabetizados – embora não seja isso que se espera deles em uma abordagem tradicional, que dispensa a Linguística. No mesmo sentido, Navarro (2018) aborda a atuação do fonoaudiólogo no contexto da terapia com crianças autistas e propõe uma reinterpretação da prática fonoaudiológica com a linguagem no contexto da equoterapia, ressignificando a relação entre corpo, sistema sensorial, fala e linguagem.

Dentre os temas de pesquisa já desenvolvidos na Graduação e na Pós-Graduação em Linguística no IEL, destacamos os seguintes, relativos às patologias que impactam o funcionamento linguístico, além das diversas formas de afasias (fluentes e não-fluentes): Transtornos do Espectro Autista (TEA), Dislexia, Demência de Alzheimer, Doença de Parkinson, Síndrome Frontal, Síndrome de Down, Síndrome do X-Frágil, Epilepsia, Surdez e processos de envelhecimento – patologias que envolvem o funcionamento da linguagem e, em geral, o funcionamento de outras funções psíquicas superiores.

Quanto à semiologia das afasias, destacamos o estudo dos seguintes fenômenos em dissertações e teses: agramatismo e fala telegráfica (COUDRY, 1986, 1988; NOVAES-PINTO, 1992, 1999; LIMA, 2017; LIMA; NOVAES-PINTO, 2017; LIMA, 2023), parafasias (RAPP, 2003; NOVAES-PINTO; SOUZA-CRUZ, 2012; SOUZA-CRUZ, 2013; SOUZA-CRUZ; BOCCATO, 2017), paragrafias e paralexias (BOCCATO, 2018), jargonafasia (MORATO; NOVAES-PINTO, 1998; NOVAES-PINTO, 1999), produção de TOTs - palavras na ponta-da-língua (OLIVEIRA, 2015)³², dentre outros.

Foram essenciais para o desenvolvimento da área os estudos para aprofundar a compreensão de processos linguístico-cognitivos como os de categorização (SOUZA-CRUZ, 2017), compreensão (FUGIWARA, 2013; FUGIWARA; NOVAES-PINTO, 2013), interpretação de metáforas e provérbios, o papel dos *promptings* fonológico e semântico, o papel das tecnologias digitais no trabalho com sujeitos adultos (PIERUCCINI, 2015; GARCIA, 2018; DIAS, 2020). Muitos estudos também tematizaram questões teórico-metodológicas que fundamentam o trabalho realizado no Centro de Convivência de Afásicos, o trabalho com os familiares e acompanhantes (CARON, 2018), a relevância dos estudos longitudinais de perspectiva discursiva/qualitativa, de natureza dialógica e, sobretudo, a crítica aos testes padronizados (COUDRY, 1986, 1988; NOVAES-PINTO, 1992, 1999, 2011, 2017).

Vale ainda mencionar que outras áreas da Linguística se debruçam sobre os dados que emergem nas interações com os sujeitos afásicos visando avaliar diferentes abordagens sobre o funcionamento linguístico-cognitivo. O agramatismo e a produção da chamada “fala telegráfica”, por exemplo, considerados fenômenos dentre os mais estudados na Neurolinguística, abordados inicialmente por Coudry (1986, 1988) já foram retomados por Gregolin-Guindaste (1996) na teoria gerativista, por Lima (2023) na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional e Novaes-Pinto (1992, 1999, 2017)

³² Sobre o tema das semiologias na perspectiva da linguística, referimo-nos ao trabalho de Morato (2010): *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*.

incorporando conceitos bakhtinianos como categorias de análise. Teorias semânticas e pragmáticas têm sido mobilizadas para analisar dados de sujeitos com esquizofrenia (GATI, 2017), nas afasias posteriores e demências (OLIVEIRA, 2015; SOUZA-CRUZ, 2017), dentre outras patologias. As dissertações e teses da área, ao focarem nas análises de um ou outro nível linguístico, contribuem para a compreensão de seu funcionamento integrado (COUDRY, 1993), relacionando-os ainda ao funcionamento do cérebro como um sistema funcional complexo (LURIA, 1977) buscando compreender as relações entre as funções psíquicas superiores.

3. FINALIZANDO, MAS NÃO SEM ANTES DIZER QUE...

O “outro discurso”, sem a Linguística – restrito a uma certa Linguística da língua e de natureza normativa –, a que nos opomos desde sempre, é o que se baseia em testes – essencialmente metalinguísticos (“pegue o triângulo, pegue o urso”; “o que é ...”; “diga o nome...”; “repita *nem aqui, nem ali, nem lá*”, etc), em avaliações e terapias também *sobre* a linguagem, mas não *de* linguagem, imersas na língua e em seu funcionamento discursivo, em situações enunciativas, mergulhadas na experiência incompleta. Esse outro discurso, no qual identificamos uma relação de interincompreensão (MAINGUENEAU, 1989; AQUINO, 2018), é compatível com uma concepção de língua como um *código de trânsito*, cujo sentido é determinado de antemão, oposto ao sentido de língua tomado pela ND (COUDRY, 1986), como um sistema vivo, sujeito a modificações por seus falantes, historicamente construído no discurso, com sentidos duplos, ambíguos, opacos, mais ou menos estáveis, determinados na situação de enunciação por seus parceiros, experiência partilhada com tantos outros com quem convive, direta ou indiretamente³³.

Os dados relatados neste texto para marcar o efeito da experiência incompleta na lida com a afasia e também nos processos de entrada de crianças na leitura e na escrita mostram processos criativos/alternativos de significação³⁴ derivados de possibilidades que a própria língua comporta, imersa na experiência humana de falar a outros que falam, realidade na constituição do falante, como já aponta Benveniste (1995). Diferentemente, outras áreas avaliam a linguagem, sem o conhecimento produzido pela Linguística, mediante testes que tomam a linguagem pela metalinguagem, prescrevendo a variedade culta como a única aceitável, tendo todos os sujeitos que emitir uma resposta única, desconsiderando que a experiência com a linguagem não é igual para todos e o produto dessa diferença, portanto, não é patológico.

4. AGRADECIMENTOS

Agradecemos às agências de fomento – CAPES, CNPq e FAPESP – por todos os auxílios concedidos a nós, docentes, e aos nossos alunos, ao longo de todos esses anos de trabalho na área de Neurolinguística.

³³ Um afásico – JB –, ao responder ao Teste de Nomeação da “Bateria de Boston: *the assessment of aphasia and related disorders*” (GOOGLASS; KAPLAN, 1972), diante da insólita figura de um *iglu*, responde: “forno de pizza”, o mesmo que fez uma das crianças avaliadas. Para a ND, a resposta foi completamente acertada, mas segundo os critérios para pontuação do referido teste, EF teria errado.

³⁴ Que articulam linguagem verbal, gestos e outros recursos linguístico-discursivos que o afásico traz para a cena enunciativa.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. pt. 1, p. 21-47.
- ANTONIO, *Da sombra à luz: a patologização de crianças sem patologia*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- AQUINO, Patricia. Onde está o déficit? Polêmica em torno da dislexia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 538-544, 2018. <https://doi.org/10.20396/ce.l.v60i2.8648687>
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Versão francesa. Originalmente publicada em 1929.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995. Originalmente publicada em 1974.
- BERGAMASCHI, Tayná Povia de Oliveira. *A intervenção ABA em crianças portadoras de TEA: uma análise neurolinguística*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- BOCCATO, Diana Michaela Amaral. *Paralexia: compreendendo o fenômeno por meio de um estudo de caso no contexto das afasias*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- BORDIN, Sonia Maria Sellin. *Fala, leitura e escrita: encontro entre sujeitos*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2010.
- BORDIN, Sonia Maria Sellin; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 384-399, 2018. <https://doi.org/10.20396/ce.l.v60i2.8650677>
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. Originalmente publicada em 1943.
- CARON, Monica. As relações da neurolinguística discursiva com os familiares das crianças em processo de aprendizado de escrita e leitura. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 545-561, 2018. <https://doi.org/10.20396/ce.l.v60i2.8648713>
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva*. 1986. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Neuropsicologia: aspectos biológicos e sociais. In: RODRIGUES, Norberto; MANSUR, Leticia L. (ed.). *Temas em neuropsicologia*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, 1993. p. 38-57. (Série de neuropsicologia, v. 1).
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Língua, discurso e a lógica da linguagem patológica. *Cadernos da FFC*, Marília, v. 6, n. 2, p. 131-148, 1997.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Patologia estabelecida e vivências com o escrito: o que será que dá? In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM, 7., 2006, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: PUCRS, 2006.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 7-36, 2008. <https://doi.org/10.22481/el.v6i2.1065>
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Caminhos da neurolinguística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. *Anais [...]*. Campinas: ABRALIN, 2009. v. 1, p. 2285-2294.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Caminhos da neurolinguística discursiva: o velho e o novo. In: COUDRY, Maria Irma Hadler; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ANDRADE, Mara Lúcia Fabricio de; SILVA; Michelli Alessandra (org). *Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 379-399.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Patologização de crianças sem patologia In: VIÉGAS, Lygia de Sousa; RIBEIRO, Maria Izabel Souza; OLIVEIRA, Elaine Cristina de; TELES, Lilliane Alves da Luz (org.). *Medicalização da educação e da sociedade: ciência ou mito?* Salvador: EDUFBA, 2014. p. 227-247.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Diário de Narciso e neurolinguística discursiva: 30 anos depois. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 323-350, 2018. <https://doi.org/10.20396/ce.l.v60i2.8653126>
- COUDRY, Maria Irma Hadler. Controvérsias na patologização e contradiscursos na afasia e na infância. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 379-396, 2020. <https://doi.org/10.21165/el.v49i1.2685>

- COUDRY, Maria Irma Hadler. *Neurolinguística discursiva: afasia e infância: encontro inevitável*. [S. l.: s. n.], 2023. Relatório de Projeto de Pesquisa/CNPq: 309263/209-0.
- COUDRY, Maria Irma Hadler; BORDIN, Sonia Maria Sellin. Afasia e infância: registro do (in)esquecível. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 54, n. 1, p. 135-154, 2012. <https://doi.org/10.20396/cel.v54i1.8636976>
- COUDRY, Maria Irma Hadler; MORATO, Edwiges Maria. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 15, p. 117-135, 1988. <https://doi.org/10.20396/cel.v15i0.8636766>
- COUDRY, Maria Irma Hadler; MORATO, Edwiges Maria. Aspectos discursivos da afasia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 127-145, 1990. <https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636831>
- COUDRY, Maria Irma Hadler; POSSENTI, Sírio. Do que riem os afásicos? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 24, p. 47-57, 1993. <https://doi.org/10.20396/cel.v24i0.8636866>
- DIAS, Júlia. *A afasia e o digital*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organizado por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298. (Ditos & escritos, v. 3). Originalmente publicada em 1969.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2009. Originalmente publicada em 1970.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade constitutiva. *Almanaque*, São Paulo, n. 5, p. 9-26, 1977.
- FRANCHI, Carlos. Prefácio. In: COUDRY, Maria Irma Hadler. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. xiii-xvi.
- FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos (1901)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1969. (Obras completas, v. 5). Obra publicada originalmente em 1901.
- FREUD, Sigmund. *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973. Originalmente publicada em 1891.
- FUGIWARA, Renata Viana Ensinas. *Processos de (inter)compreensão nas afasias: um estudo neurolinguístico na perspectiva bakhtiniana*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- FUGIWARA, Renata Viana Ensinas; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Avaliação de compreensão nas afasias: o limite dos instrumentos metalinguísticos e a contribuição das análises discursivas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 903-915, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/975>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- GALINDO, Caetano W. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- GARCIA, Bruna Leite. *Encontro da afasia com a infância: um estudo neurolinguístico*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- GATI, João Pedro de Souza. *Aspectos linguísticos do discurso delirante*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- GOODGLASS, Harold; KAPLAN, Edith. *The assessment of aphasia and related disorders*. Philadelphia, PA: Lea & Febiger, 1972.
- GREGOLIN-GUINDASTE, Reny Maria. *O agramatismo: um estudo de caso em português*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE, Miriam; LEITE, Yonne (org.). *Novas perspectivas linguísticas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 43-54. Originalmente publicada em 1955.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975. p. 63-72. Originalmente publicada em 1956.
- JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 34-62. Originalmente publicada em 1954.
- LEMOES, Cláudia Thereza Guimarães de. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 41-70, 2002. <https://doi.org/10.20396/cel.v42i0.8637140>
- LIMA, Arnaldo Rodrigues de. *As palavras funcionais na chamada fala telegráfica em enunciados de sujeitos afásicos*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

- LIMA, Arnaldo Rodrigues de. *Enunciados de estilo telegráfico nas afasias não fluentes: um estudo discursivo-funcional*. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- LIMA, Arnaldo Rodrigues de; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. A chamada “fala telegráfica” e sua relação com as dificuldades de encontrar palavras: uma reflexão a partir de enunciados de sujeitos afásicos não-fluentes. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 715-729, 2017. <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1624>
- LURIA, A R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Amsterdam: Sweets & Zeitlinger, 1977.
- LURIA, A R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- MORATO, Edwiges Maria (org.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORATO, Edwiges Maria; NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Aspectos enunciativos da jargonafasia. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 45., 1997, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 1998. p. 396-401.
- MOUTINHO, Isabella de Cássia Netto. *À procura de um diagnóstico: uma análise neurolinguística*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- MÜLLER, Laura Maria Mingotti. *Sujeitos, histórias e rótulos: a leitura e a escrita de crianças e jovens diagnosticados com dislexia*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- NASCIMENTO, Julyana Chaves; CHACON, Lourenço. Uma abordagem não-dicotomizante das questões de linguagem na doença de Parkinson: as hesitações. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 452-471, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8649696>
- NAVARRO, Paloma Rocha. Fonoaudiologia no contexto da equoterapia com crianças autistas: uma reinterpretação a partir da neurolinguística discursiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 489-506, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8651355>
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Desafios metodológicos da pesquisa em neurolinguística no início do século XXI. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 966-980, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1354>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Contribution from Bakhtinian philosophy of language to theoretical-methodological research and clinical work in the field of aphasiology. In: PETRILLI, Susan (ed.). *Pace, pacificazione, pacifismo e i loro linguaggi*. Milano: Mimesis, 2017. p. 527-536. (Athanor, n. 27).
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. 30 anos do Diário de Narciso: obra inaugural da neurolinguística discursiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 315-321, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653275>
- NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo; SOUZA-CRUZ, Thalita Cristina. Funcionamento semântico-lexical: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas com sujeitos afásicos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 708-722, 2012. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1191>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- OLIVEIRA, Marcus Vinicius Borges. *Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- PADILHA, Anna Maria Lunardi. A obra de Maria Irma H. Coudry: neurolinguística discursiva como revolução conceitual-metodológica para os estudos da educação especial. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 368-383, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8648558>
- PEROTTINO, Silvana. Neurolinguística discursiva e transmissão: a questão da autoria. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 351-367, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8648717>
- PIERUCCINI, Stéphanie Dorneles e Silva. *Fala, leitura e escrita na afasia e no processo de aquisição da escrita*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

- POSSENTI, Sírio. Sobre o Diário de Narciso... ainda. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 562-565, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653125>
- POSSENTI, Sírio; COUDRY, Maria Irma Hadler. A relevância de piadas em protocolos de afasia. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 20, p. 725-732, 1991.
- RAPP, Carola. *A palavra paralela?: uma revisão do conceito de parafasia*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1969.
- SILVA, Michelli Alessandra. *Sujeitos e linguagem na síndrome do X-frágil*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- SILVA, Michelli Alessandra. Contribuições da neurolinguística discursiva para a compreensão do sujeito e da linguagem na síndrome do X-frágil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 60, n. 2, p. 472-488, 2018. <https://doi.org/10.20396/cel.v60i2.8653127>
- SOUZA-CRUZ, Thalita Cristina. *Em briga de marido e mulher, ninguém mete o garfo: estudo neurolinguístico da produção de parafasias literais e semânticas em sujeitos afásicos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- SOUZA-CRUZ, Thalita Cristina. “*Entrando pelo youtube*”: estudo discursivo da organização semântico-lexical: em foco a categorização. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- SOUZA-CRUZ, Thalita Cristina; BOCCATO, Diana Michaela Amaral. Produção de parafasias e paralexias e sua relação com as “dificuldades de encontrar palavras” (word finding difficulties). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 760-773, 2017. <https://doi.org/10.21165/el.v46i2.1800>
- TOKITAKA, Janaina. *Pedro vira porco-espinho*. São Paulo: Jujuba, 2020.
- VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Problemas da defectologia: volume I*. São Paulo: Expressão Popular, 2021. Originalmente publicada em 1929.

Recebido: 16/5/2023

Aceito: 18/8/2023

Publicado: 26/9/2023